

Dicionários fraseológicos: o que podemos esperar desses tesouros culturais?

Phraseological dictionaries: what can we expect from these cultural treasures?

Elizabeth Aparecida MARQUES*

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Rosana BUDNY**

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

RESUMO: O artigo analisa o tratamento dado a verbetes de uma coletânea de repertórios de caráter lexicográfico monolíngues da língua portuguesa e de dicionários bilíngues, na direção português-inglês. O trabalho fundamenta-se em alguns pressupostos teóricos da Fraseografia bilíngue (OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, 2007) e em repertórios e dicionários, objeto de comparação para nortear a análise. Objetiva-se (i) descobrir como esses materiais apresentam as unidades fraseológicas e suas traduções; (ii) buscar um referencial de verbete prototípico para um glossário, objeto de uma pesquisa de pós-doutoramento. Os resultados apontam a existência de uma variedade de dicionários e obras monolíngues da língua portuguesa, contudo, os bilíngues, na direção português-inglês são escassos e nem sempre apresentam verbetes lexicográficos com exemplos, o que parece ser limitador para certos usuários desse material. O levantamento justifica a necessidade de elaboração de novos dicionários fraseológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseografia. Fraseologia. Glossários fraseológicos; Unidades fraseológicas; Frases feitas.

* Doutora em Linguística Aplicada pela Universidad de Alcalá de Henares (Espanha, 2007) e realizou Estágio Pós-Doutoral em Fraseologia pela Université Paris 13 (França, 2013), tendo atuado no Laboratório LDI (Lexiques, Dictionnaires, Informatique). Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde atua como docente e pesquisadora no Curso de Letras e nos Programas de Mestrado em Estudos de Linguagens e Mestrado e Doutorado em Letras. Atual vice coordenadora do Grupo de Trabalho em Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia (GTLEX) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Linguística e Letras (ANPOLL). E-mail: eamarques@hotmail.com

** Professora Adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), ministra aulas no curso de Letras - Português-Inglês da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras. Atualmente trabalhando no projeto de pós-doutoramento “Glossário Português-Inglês de fraseologia zoonímica – criação de um banco de dados e protótipo lexicográfico” pelo Programa de Pós-graduação em Letras - Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Linguística, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Doutora em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2009). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em ensino e formação de professor de Língua Inglesa e em Tradução com experiência em textos técnicos e científicos. E-mail: ro.budny@uol.com.br

ABSTRACT: The paper analyzes the treatment given to entries in a collection of lexicographic repertoires of the Portuguese language and of bilingual dictionaries, in the Portuguese-English direction. The research takes some theoretical assumptions of Bilingual Phraseography (Olimpio de Oliveira Silva) and cliché books and dictionaries, object of comparison to guide this analysis. It aims to (i) find out how these materials present the phraseological units and their translations; (ii) seek a prototype entry frame for a glossary object of a postdoctoral project. The results indicate the existence of a variety of dictionaries and monolingual Phrase books of the Portuguese language, however, the bilingual ones, in the Portuguese-English direction are scarce and they do not always present lexicographic entries with examples, which seems to be limiting for certain users of this material. The survey justifies the need for development of new phraseological dictionaries.

KEY-WORDS: Phraseography. Phraseology. Phraseological glossaries. Phraseological units. Set phrases.

Introdução

Os dicionários, todos sabemos o que são: materiais de referência imprescindíveis não só para aqueles que trabalham com textos e com a comunicação oral, mas também para aqueles que têm dúvidas com relação a determinados usos da língua e às palavras desconhecidas. E os dicionários fraseológicos? Somente o pronunciar as palavras que formam esse sintagma pode deixar o leigo um tanto quanto confuso, quando não, desejoso de saber do que se trata.

Uma definição para os dicionários fraseológicos pode ser iniciada por meio do conceito relativo aos ‘blocos’ de palavras que compõem esse “cabedal fraseológico”, as frases feitas ou, modernamente, as unidades fraseológicas. A composição das chamadas “frases feitas” tem suscitado interesse desde os séculos passados e são verdadeiros tesouros culturais. Há certas frases feitas que deixam as pessoas com “a pulga atrás da orelha”, pois estas não conseguem entender seus sentidos. As frases feitas, unidades fraseológicas (ditos ou provérbios, expressões idiomáticas ou colocações), têm levantado interesse incomum nas últimas décadas. Isso no sentido de se entender o

porquê de elas estarem tão presentes em nossa fala, o porquê de terem significados peculiares, que, em sua maioria, divergem dos significados composicionais, e, ao mesmo tempo, o de serem de difícil delimitação e conceituação, tal sua variedade.

As unidades fraseológicas precisam ser estudadas e compiladas em dicionários, pois retratam a cultura de uma comunidade, são de difícil entendimento para os estudantes estrangeiros que aprendem a língua portuguesa, por exemplo, e precisam de contexto para ser entendidas. Para pesquisar o universo das unidades fraseológicas nos contextos de elaboração de glossários e dicionários, nos valem os fundamentos teóricos da Fraseografia e da Fraseografia Bilíngue, postulados por Olímpio de Oliveira Silva (2007). Para a autora,

Fraseografia é uma disciplina linguística que se ocupa, por uma parte, dos princípios teóricos e práticos que regem a inclusão da fraseologia em compilações léxicas (dicionários, léxicos, vocabulários, glossários, concordâncias, etc.) tanto específicas como gerais, e por outra, o estudo crítico e descritivo destas compilações, ao que o tratamento da fraseologia se refere, o que significa dizer que o âmbito da fraseografia compreende desde a apresentação tipográfica seguida pela obra até a adequação aos usuários (OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, 2007, p. 27)

Desta forma, em termos práticos, a Fraseografia bilíngue trata dos aspectos que enfocam a compilação desses dicionários fraseológicos, em suas características técnicas e metodológicas, bem como ao tratamento dado a esses elementos fraseológicos bilíngues nesse tipo de repertório.

Com base nas orientações fraseográficas da autora citada, apresentamos um panorama das frases feitas compiladas em alguns materiais de referência monolíngues publicados, e que serão explanados na seção 1 e, na sequência, os bilíngues, discutidos na seção 2.

Fazemos na seção 3 relato da metodologia que está sendo usada para a construção de um glossário fraseológico bilíngue (português-inglês) e apresentação de alguns dados levantados até aqui.

1. Passeando por alguns repertórios da Língua Portuguesa – dicionários fraseológicos?

Neste tópico, de caráter historiográfico, discutimos algumas obras fraseológicas de referência a fim de observar características desses materiais que muito podem revelar sobre a singularidade da língua portuguesa.

A obra *Frases Feitas*, de João Ribeiro (1960), apresenta uma coleção de frases feitas da língua portuguesa, com contextos e fatos históricos que ilustram e desvendam parte da fraseologia brasileira; é um compêndio filológico de frases que marcam uma época do português brasileiro. Para a expressão, por exemplo, *gatos pingados* (entendida atualmente como *poucas pessoas em um evento*), Ribeiro explica tratar-se de um costume bárbaro de castigar negros e mouros com pingos de gordura fervente em suas costas; mais tarde, por analogia, eram chamadas de *gatos pingados* as pessoas humildes que acompanhavam o enterro de pessoas pobres e levavam seus esquifes. Para a expressão *fazer de gato sapato* (hoje, *fazer de gato e sapato*), o autor diz que se refere a um erro de grafia e abreviação de um tempo quando sapato se escrevia com ‘ç’ e, portanto, abreviado, apareceria ‘çato’, podendo na escrita ser mal interpretado por *gato*. Repertórios como o de Ribeiro ultrapassam o conceito de um dicionário fraseológico, neste caso, monolíngue. São explicações enciclopédicas, informações históricas e etimológicas que superam o que normalmente se encontra em um dicionário fraseológico. Ribeiro era poliglota e dominava línguas clássicas, românicas e indo-europeias e delas podia beber da fonte. Seria esse adagiário um bom exemplo para se conceituar um dicionário fraseológico?

Além do adagiário de Ribeiro (1960), pesquisamos também o dicionário analógico, do Padre alemão Carlos Spitzer (1952), que leva o subtítulo *Tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa*. Spitzer coleciona palavras e locuções da língua portuguesa, mas não as dicionariza alfabeticamente das palavras para as ideias; faz o contrário, em um liame ideológico as associa das ideias para as palavras e locuções, e, diferentemente dos dicionários, não lhes dá significados ou explicações, uma vez que as engloba nas ideias que as geraram. Dá-lhes, sim, alguns sinônimos para as que se mostram invulgares ou estranhas. De número 88 no *Tesouro de vocábulos*, Spitzer classifica – tempos de existência, da vida, do ano, do dia – e na sequência

apresenta vocábulos como *desenvolvimento*, *embrião*, e locuções como *primavera da vida*, *canto do galo*, *boca da noite*, *estar na flor dos anos*, *com um pé na cova*, *a cavalo num pau*, *dia de São João*, e dezenas de outras expressões que seguem a ideia de fases e tempos de vida. Nesse verbete encontramos inúmeras palavras ou expressões que incorporam a ideia proposta. Seria o *Tesouro de vocábulos e frases feitas da língua portuguesa*, de Spitzer, o dicionário fraseológico que buscamos conceituar?

Por sua vez, o *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*, de Magalhães Júnior (1974), onde há uma infinidade de frases feitas, bem como curiosidades verbais, ditos históricos e citações literárias de uso corrente na língua falada e escrita. No prefácio desse adagiário, Magalhães Júnior fala da escassez de bibliografia desse gênero, e traz à tona um primeiro trabalho sobre o assunto datado de 1879, no Rio de Janeiro, intitulado *Provérbios Históricos e Locuções Populares*, assinado com o pseudônimo de Teobaldo. Na sequência, menciona a primeira edição de *Origem de Anexins, Prolóquios, Locuções Populares, Siglas, etc.*, de Antônio de Castro Lopes, de 1885, avaliada por Magalhães Júnior como obra que contém explicações quase sempre fantasiosas. Segundo o autor, trata-se de “um livro sem base, destituído de mérito, sem abonações, mesmo sem verossimilhança e plausibilidade, no qual o autor se excede em rasgos de imaginação e criações anedóticas, às vezes de péssimo gosto” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1974, p. 4). Com a crítica, o autor reafirma a necessidade de se preencher uma lacuna bibliográfica nessa área e apresenta seu ‘dicionário fraseológico’, dirigido ao leitor comum, curioso, desejoso de conhecer certas fraseologias que raramente aparecem nos dicionários vernáculos.

O dicionário de Magalhães Júnior abrange locuções populares, provérbios e ditos os quais são comparados com formas aproximadas, correntes em outros idiomas; além de citações literárias, históricas, pseudo-históricas e mitológicas presentes na literatura do passado e da época do autor (por volta da década de 60 e 70). Ele menciona em seu prefácio o interesse pelos estudos da Fraseologia e da Paremiologia, suscitado não só no Brasil como em vários outros países. Em meio a extensos verbetes de expressões populares encontramos o conhecido provérbio *água mole em pedra dura, tanto bate até que fura*, explicado por Magalhães Júnior como:

Provérbio de origem latina enunciado num verso de Lucrécio, da seguinte forma: *Stillicidi casus lapidem cavat* (A água que tomba gota a gota fura o rochedo). A mesma coisa afirmou o poeta Ovídio, nestes versos da “Arte de Amar”: *Quid magis est durum saxo? Quid mollius unda? / Dura tamen molli saxa cavantur aqua* (Que é mais duro que uma pedra? Que é mais mole que a água? Contudo, a água mole cava a pedra dura) (MAGALHÃES JÚNIOR, 1974, p. 17).

Em falas que remontam à antiguidade latina no verbete apresentado por Magalhães Júnior, podemos observar níveis esclarecedores do sentido atual do provérbio e os detalhes enciclopédicos e etimológicos presentes nesse dicionário acabam por se constituir em repositórios importantes da cultura de uma época. Outro exemplo é o da expressão idiomática *lágrimas de crocodilo*, tão em uso ainda nos dias de hoje e que recebe do autor a seguinte explicação:

Esta locução, que é muito antiga, tem tido aplicação literária frequente. Entende-se por lágrimas de crocodilo qualquer manifestação de hipocrisia e de insincero pesar. Segundo Plínio o Antigo, os crocodilos das margens do Nilo choravam e faziam ruidosas manifestações de desespero, tal como as pessoas enlutadas, tudo isso para despertar a piedade e a atenção dos passantes, que iam ver do que se tratava e eram devorados. A lenda tem algo parecido com a do canto das sereias (ver esse verbete), de que fala Homero. Shakespeare faz uma alusão às lágrimas de crocodilo na cena I do quarto ato de “Otelo”, quando fala o mouro de Veneza, invectivando Desdêmona: “O devil, o devil, / If the Earth could teem with woman’s tears, / Each drop she falls would prove a crocodile” (Ó demônio, ó demônio, / Se a terra estivesse cheia de lágrimas femininas, / Cada gota que tombasse comprovaria um crocodilo). E Francis Bacon, o filósofo e estadista inglês, nos seus “Ensaaios”: “It is the wisdom of crocodile, that shed tears when they would devour” (Essa é a sabedoria dos crocodilos, que derramam lágrimas quando vão devorar) [...] (MAGALHÃES JÚNIOR, 1974, p. 166).

Verbetes com explicações extensas, não só enciclopédicas como históricas e etimológicas, recheiam o dicionário de Magalhães Júnior fazendo desse material um dicionário fraseológico que é fonte frutífera de estudos.

Outro repertório lexicográfico, este específico das expressões que contêm zoônimos em sua composição, às quais Budny (2015) dá o nome de unidades fraseológicas com zoônimos, é o de Mauro Motta (1978), com o nome de *Os bichos na fala da gente*. Ele vem não só com a nomenclatura, mas acompanhado igualmente de dezenas de páginas introdutórias que historicizam a presença influenciadora de animais nos vários segmentos de arte (escultura, pintura, xilogravura, desenhos, música) e não só nas obras literárias. Motta fala de uma ‘filosofia adagial’ presente nas obras, por meio da expressividade dos homens, em que credices populares interpretam reações humanas. O autor afirma serem provavelmente o boi e o cavalo (por exemplo, *boi na linha, pé de boi, boi de piranha, cavalo de batalha, etc.*) os bichos mais constantes nas realidades e abstrações artísticas das expressões populares. O bode e a cabra também são elementos constantes, por exemplo, nas criações artísticas nordestinas e nas expressões populares: *bode expiatório, pinta o bode, cabra-macho, cabra da peste, o bom cabrito não berra*, entre outros.

Em Motta, no verbete *cavalo*, encontra-se definição idiomática que vai além do significado do animal propriamente dito, na medida em que pode referir-se a sujeito mal-educado, grosseiro e insolente; ou ainda apontar para outros sentidos como em fazer um *cavalo de batalha*, *tirar o cavalo da chuva*, *cair do cavalo* ou dar *para cavalo velho capim novo* e também *a cavalo dado não se olha os dentes*. Esses estão entre os inúmeros exemplos de fraseologismos para esse animal e são amostras dos verbetes presentes na obra de Motta – um dicionário fraseológico monolíngue peculiar.

Na mesma linha das obras anteriores, segue o *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, de Antenor Nascentes (1986), onde o autor, segundo suas próprias palavras, ‘respiga’ no campo que Ribeiro havia ceifado suas melhores espigas. A fraseologia apresentada por Nascentes, que vai desde *água que passarinho não bebe* – para significar a aguardente, e *Zé Povinho* – como a arraia-miúda, até o *zelo farisaico* – ostentação hipócrita de castidade, ocultamente acompanhada de costumes dissolutos. Essa obra oferece ao estudioso uma soma de informações de natureza histórico-etimológica baseada em dicionários como Moraes, Aulete, Figueiredo e outras obras de

filólogos que contribuem para o acervo da vasta fraseologia brasileira. Estamos, assim, com as obras apresentadas, às voltas com um dicionário fraseológico monolíngue, cada um com sua configuração peculiar.

Nesta revisão bibliográfica de materiais e dicionários fraseológicos encontramos o livro *Quem conta um conto.... a metáfora rural de provérbios em língua portuguesa*, de Nilton Mario Fiorio, publicado em 1995, em que o autor estuda os provérbios como meio metafórico de expressão do homem rural brasileiro. Os traços culturais, a forma de entender e comunicar o mundo em que vive aparece na linguagem do homem dessa época em sua formatação histórica. O livro traça uma trajetória histórica por meio da riqueza do provérbio e exalta a importância de valores e conquistas milenares que guardam seus resquícios e pistas nas palavras que formatam essas frases metafóricas e apresenta as muitas funções desempenhadas pelas metáforas. Dos provérbios, o autor enfatiza que são tão antigos quanto a humanidade e explica que o provérbio,

[...] foi surgindo na mesma medida e ritmo que as pessoas evoluíam em sua história. A vida tribal se valeu dele como se valia da comida, do andar, da alimária, do fogo, do ar, do peixe ou do pássaro, da flecha... Ao redor do fogo e, posteriormente, na vida patriarcal, dentro de casa, na boca da noite começava o ancião a narrar suas histórias, ora em forma de lenda, ora em forma de fábula ou parábola, ora em forma de chiste, em que os elementos do mundo real ou fantástico combatiam, morriam, ressuscitavam e davam seu recado aos homens (FIORIO, 1995, p. 41).

A verdade é que uma vez enunciado o provérbio, e tendo agradado a alguém, ele é divulgado, repetido até cristalizar-se. Fiorio analisa os provérbios separando-os por temas e classificando-os como, por exemplo, hereditariedade genética – *Tal pai, tal filho*; ou hereditariedade comportamental – *Pelos frutos se conhece a árvore*; ou machismo cultural – *Onde está o galo, não canta a galinha*, ou ainda silêncio e discrição – *Em boca fechada não entra mosquito* e continua tematizando em muitas páginas de provérbios. Faz também um apanhado dos nomes de animais com maior frequência acumulada nas palavras-chave dos provérbios, e entre eles aparecem *cavalo, burro e boi*. O autor efetua uma distribuição sistêmica dos provérbios classificando-os em um quadro de referência com temas como família, saúde, alimentação, entre outros;

deixa um estudo relevante sobre a natureza dos provérbios e sua importância, ao afirmar que

o provérbio, longe de ser mais um verso ou jogo de versos com especial relevo na planície discursiva, é a cristalização de todo um saber amadurecido e que as comunidades codificaram pela oralidade para depois exportarem mediante a cabeça e o coração dos andarilhos e aventureiros (FIORIO, 1995, p. 169).

À obra de Fiorio não se pode dar o nome de dicionário, uma vez que apresenta as coletâneas sem seus significados, o que naturalmente não é a proposta do livro.

Analisamos também o dicionário de Nelson Cunha Mello, *Conversando é que a gente se entende*, que leva o subtítulo de *Dicionário de expressões coloquiais brasileiras* e data de 2009. Esse material apresenta um repertório rico de construções fraseológicas, resultantes das múltiplas atividades culturais de um povo, o povo brasileiro, e se reveste de importância quando se pensa não só no falante nativo, nosso conterrâneo, mas igualmente no estrangeiro que quer penetrar o mundo difícil da conversação idiomática diária. Podemos afirmar que as construções fraseológicas são marcadas por uma linguagem palpitante que seduz os falantes, motivo pelo qual suscitam interesse em seu estudo. Mello (2009) explica que o dicionário nasceu do seu fascínio pela palavra e reúne expressões coloquiais de diversos tipos e locuções com valores conotativos. No dicionário de Mello encontramos verbetes como *dar bode* (dar confusão, dar problema), como observado no exemplo: *Se você não lhe obedecer, vai dar bode*, ou, ainda, *vaca amarrada também pasta*, como no exemplo, *Acha que não tem nada de mais trair o marido; para ela, vaca amarrada também pasta*. O mesmo sentido é atribuído à expressão *Burro amarrado também pasta*. Encontramos nesse dicionário fraseológico não só expressões coloquiais, bordões, corruptelas, mas também a origem de certas expressões brasileiras.

As obras apresentadas nesta seção nos ajudam a conceituar o dicionário fraseológico monolíngue como sendo a compilação de unidades fraseológicas em sua delimitação maior, com significados, variantes e contextos de utilização para o entendimento do usuário.

Na próxima seção, discorreremos sobre alguns dicionários de expressões coloquiais bilíngues de circulação corrente.

2. Conhecendo dicionários fraseológicos bilíngues - Português/Inglês

Um escrito bem-humorado sobre as traduções de expressões idiomáticas é o livro *The cow went to the swamp - A vaca foi para o brejo*, expressão idiomática traduzida literalmente, do humorista, tradutor e jornalista brasileiro Millor Fernandes (2001). O trocadilho ainda que pareça ingênuo traz um aspecto relevante para a questão da tradução e de busca de equivalentes para as unidades fraseológicas. Essas expressões são conhecidas por não dizerem em suas palavras o que realmente significam. Não basta fazer uma tradução literal, é preciso que se encontre na língua de chegada uma tradução pragmática, funcional, idiomática, para dar conta de se transmitir a ideia e colorido intentado na língua de partida. Dizer *So-and-so beat the boots* no inglês quando em português se quer dizer que *Fulano bateu as botas* (morreu), ou *So-and-so is a pet snake* (querendo dizer *Fulano é cobra criada*) não comunica, obviamente, a intenção da frase. Questões como essas e outras justificam a necessidade de dicionários fraseológicos bilíngues.

Em pesquisas recentes, encontramos dicionários inglês-português para as expressões idiomáticas, provérbios e outras frases feitas. No entanto, para a direção português-inglês pouco material tem sido encontrado.

Um dicionário de expressões idiomáticas na direção português-inglês é o de Oswaldo Serpa (1975) e nele Humberto Grande afirma, em prefácio, o seguinte:

Na elaboração do novo Dicionário, o autor enfrentou os árduos problemas de saber quando é que uma expressão é idiomática e de aproveitar ou não as locuções não idiomáticas. Sabiamente decidiu coletar, além das expressões idiomáticas propriamente ditas, as várias peculiaridades da comunicação linguística dos dois idiomas (Português e Inglês). Desse modo, pode-se considerar a segunda parte do volume (Português e Inglês) verdadeiro documento da Língua Portuguesa nas suas expressões idiomáticas, coligidas na linguagem do dia-a-dia e até mesmo na linguagem das novelas de

televisão, excluídas certas expressões de gíria, quase sempre efêmeras (GRANDE *apud* SERPA, 1975, p. 07)

De fato, a delimitação quanto à natureza de uma expressão idiomática nem sempre é uma tarefa fácil, pois essas expressões são formadas de diferentes configurações e não seguem um padrão. Desse modo, o valor do dicionário está na compilação das expressões da língua portuguesa que podem ser comparadas com as expressões frequentes que se usam ainda hoje nos discursos. Encontramos nessa nomenclatura a unidade fraseológica *ficar como barata tonta*, expressão corrente em que o autor apresenta a equivalência *be in a daze*, ou, ainda, *be mixed up*. O verbete é formado pela expressão + equivalência, não apresentando contexto de utilização. O desejável (quando se pensa em um aprendiz querendo verter para a língua de chegada) seria oferecer um contexto para nortear a forma de utilizar a expressão.

Já o dicionário de expressões idiomáticas metafóricas português-inglês, de Camargo e Steinberg (1989), apresenta a expressão *ficar como barata tonta* e dá a mesma equivalência de Serpa (que apresenta duas equivalências), mas, diferentemente deste, apresenta um verbete formado pela expressão idiomática em português + contexto + equivalências + mesmo contexto em inglês. Teríamos então o seguinte: *Barata tonta*, ficar uma, seguida do exemplo *Eram tantas pessoas que queriam falar comigo que fiquei como uma barata tonta*, com o correspondente, em inglês, *To be in a daze/mixed up, to round and round*, seguido do exemplo *There were so many people wanted to talk to me that I was in a daze*. A configuração dessa expressão oferece mais benefícios ao usuário, pois esclarece a forma de seu uso.

Ao buscarmos essa mesma expressão *ficar como barata tonta* no *Dicionário português-inglês de locuções e expressões idiomáticas* de Schmidt e Hainfelder (1990), encontramos a expressão ordenada pela primeira palavra, que, nesse caso, apresenta uma variação, ou seja, *feito barata tonta*, e os autores apresentam a equivalência *like a chicken with his head cut off*, sem contexto de utilização. Na análise que faz dessa expressão, Budny (2015, p. 127) cita Pastore (2011), ao explicar que “a imagem evocada pela expressão idiomática é a da galinha e da barata andando em círculo, simbolizando alguém que estaria desorientado devido a alguma situação”. A galinha sem a cabeça ilustra bem essa desorientação evocada pela imagem. O simbolismo de

desorientação para a barata é devido à maneira confusa como ela se move quando é ameaçada. Equivalências iguais a essa podem dar, à tradução da expressão, a imagem, o colorido e a ênfase que se pretende ao se utilizar tal fraseologismo. Acreditamos ser necessário que um dicionário fraseológico, nesse caso, um dicionário fraseológico bilíngue possa objetivar esses aspectos quando da compilação da nomenclatura e equivalências e contextos.

No *Pequeno dicionário de expressões idiomáticas e coloquialismos português-inglês*, de Brezolin, Allegro e Campos (2001), os autores se propõem a apresentar expressões de uso corrente na língua portuguesa, seguidas de possíveis traduções em língua inglesa, e, dessa forma, preencher uma “lacuna existente no que tange a dicionários bilíngues português-inglês” (BREZOLIN, ALLEGRO E CAMPOS, p.5). Nele, o usuário encontra aproximadamente 1000 (mil) expressões convencionalizadas, combinações de uso generalizado (coligações, colocações, expressões idiomáticas, fórmulas situacionais, frases feitas e gírias) que fazem parte do dia-a-dia dos falantes de língua portuguesa.

A partir da análise dos repertórios apresentados, passamos a descrever, na próxima seção, o processo de elaboração de um glossário fraseológico zoonímico, fruto de nossas pesquisas atuais.

3. Um glossário fraseológico zoonímico em construção

Como podemos observar nos materiais de referência citados, há uma lacuna na produção de dicionários fraseológicos na direção português-inglês. Os fraseologismos não devem receber traduções que não sejam idiomáticas ou soluções apenas parafrásticas, pois os usuários dessas traduções (aprendizes de língua inglesa, pesquisadores ou tradutores) necessitam que elas se encaixem nos contextos de produção pretendidos com as ênfases e os coloridos próprios de uma expressão idiomática.

De posse dessas constatações (ou seja, da necessidade relatada), temos trabalhado no projeto de elaboração do *Glossário Português-Inglês de fraseologia zoonímica – criação de um banco de dados e protótipo lexicográfico*, objeto de nossos estudos de pós-doutoramento na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

Escolhemos elaborar um glossário, pois se trata de um recorte para esses fraseologismos em que trabalhamos apenas as unidades fraseológicas zoonímicas, ou seja, as unidades fraseológicas que levam o nome de um animal (zoônimo) em sua composição, por exemplo, *ser um bagre ensaboado, nem que a vaca tussa, ou engolir sapo.*

As unidades fraseológicas com zoônimos (UFz) são frequentes na língua portuguesa podendo ser observadas nos vários contextos de interação, em diálogos televisivos, em escritos de toda natureza, em blogs, em jornais. Essas expressões fazem parte da vida dos falantes de português brasileiro no sentido de que, ao produzirem um texto falado ou escrito, acabam por utilizá-las. Quando necessitam de suas traduções em uma língua estrangeira (nesse caso, o inglês), eles têm dificuldades de encontrá-las nos dicionários gerais de língua, que eventualmente trazem traduções (nem sempre idiomáticas) para essas UFz.

O Glossário fraseológico zoonímico, ora em projeto de construção, busca preencher essa lacuna de tradução. Essa obra deve apresentar um verbete prototípico como segue:

<p>ARARA – estar/ficar uma arara – ficar irado com alguém ou alguma coisa.</p> <p><i>Ela ficou uma arara porque foi mal atendida na loja.</i></p>	<p>COW- to have a cow – to be very angry at somebody or something.</p> <p><i>Bertha will have a cow if she ever finds out what we've been up to, using her address and all.</i></p>
--	---

O verbete mencionado obedece ao seguinte critério:

<p>Zoônimo</p> <p>Fraseologismo.pt (em português)</p> <p>Variante.pt (possível mudança sintática)</p>

Significado.pt

Contexto.pt – (contexto/exemplo/abonação em português)

< Zoônimo.en> (mesmo zoônimo ou não em inglês)

Fraseologismo. en (correspondente sugerido em inglês)

Variante.en

Contexto.en (contexto/exemplo/abonação em inglês)

Acreditamos que um glossário com esse formato vai atender à necessidade do usuário uma vez que apresenta, além das correspondências idiomáticas para a expressão, o significado e um contexto de utilização retirado do *Coca Corpus of Contemporary American English* que exemplificam seu uso. Em *Unidades fraseológicas com zoônimos em dicionários monolíngues e bilíngues (português-inglês) e em livros didáticos do PNLD* (2015, p. 176), a autora constata que “as equivalências das UFz nos dicionários bilíngues escolares diferem de dicionário para dicionário com equivalências nem sempre satisfatórias para atender a requisitos básicos como, por exemplo, manter o teor formal ou informal das expressões”; com isso nem sempre é possível se encontrar uma equivalência na língua estrangeira que atenda ao requisito que se deseja para a informalidade da situação narrativa, o que reforça a necessidade de um material de referência com esse teor.

Considerações Finais

Iniciamos o artigo apresentando e analisando um pequeno inventário de repertórios de caráter lexicográfico e dicionários existentes em língua portuguesa, verdadeiros tesouros culturais, que apresentam significados para muitas das expressões populares, ditos e provérbios que permeiam o falar diário do nosso povo. Embora possamos contar com materiais de referência monolíngues de relevância, não podemos dizer o mesmo para os dicionários fraseológicos bilíngues na direção português-inglês, que levam o elemento zoonímico em sua composição. Deles carecem os aprendizes de

língua estrangeira que pretendem verter nossas expressões da língua portuguesa para o inglês. Esse é um dos objetivos pretendidos pelo glossário em construção descrito em seu verbete prototípico na seção 3 deste artigo.

Ao pesquisarmos equivalências e contextos para esses fraseologismos, acreditamos estar contribuindo para a expansão da cultura brasileira, a partir da riqueza das nossas expressões populares que refletem muito da história do nosso povo.

REFERÊNCIAS

BUDNY, Rosana. Unidades fraseológicas com zoônimos em dicionários monolíngues e bilíngues (português-inglês) e em livros didáticos do PNLD. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015.

BREZOLIN, A.; ALLEGRO, A. L. V.; CAMPOS, R.M. *Pequeno Dicionário de Expressões Idiomáticas e Coloquialismos português-inglês*. São Paulo: Fiuza Editores, 2001.

CAMARGO, S.; STEINBERG, M. *Dicionário de Expressões Idiomáticas Metafóricas Português-Inglês*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1989.

FIORIO, N. M. *Quem conta um conto...a metáfora rural de provérbios em língua portuguesa*. Goiânia: Editora UCG, 1995.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1974.

MELLO, N. C. *Conversando é que a gente se entende – dicionário de expressões coloquiais brasileiras*. São Paulo: Leya, 2009.

MOTA M. *Os bichos na fala da gente*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

NASCENTES, A. *Tesouro da Fraseologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, M.E. *Fraseografia teórica y práctica*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007.

PASTORE, P. C. F. *Expressões Idiomáticas com nomes de animais Português-Inglês*. São José do Rio Preto: HN Editora Publieditorial, 2011.

RIBEIRO, J. *Frases Feitas*. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1960.

SCHIMIDT, M. A.; HAINFELDER, H. F. *Dicionário Português-Inglês de locuções e expressões idiomáticas*. São Paulo: Casa Editorial Schmidt, 1990.

SERPA, O. *Dicionário de Expressões Idiomáticas Inglês-Português-Inglês*. Rio de Janeiro: Fename, 1975.

SPITZER, C. *Dicionário Analógico. Tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1952.